

Francisco Segnini Jr.



PROJETO ARQUITETÔNICO e
QUALIDADE DA EDIFICAÇÃO

162

pós-

RESUMO

Este artigo trata do desprezo que a construção civil para mercado tem para com o projeto arquitetônico, fundamental da qualidade de uma edificação. Os programas de qualidade, tais como o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade do Habitat – PBQP-H e ISO-9000 nunca perguntam sobre a qualidade do espaço arquitetônico a ser edificado. Nesse sentido, serão tecidas considerações sobre qualidade do projeto arquitetônico, seus aspectos objetivos e subjetivos.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura, qualidade, mercado, habitat, produtividade.

EL PROYECTO ARQUITECTÓNICO Y LA CALIDAD DE LA EDIFICACIÓN

pós- | 163

RESUMEN

Este artículo trata del desprecio de la construcción civil para el mercado, en relación al proyecto arquitectónico, aspecto básico de la calidad de una edificación. Programas de calidad, como el Programa Brasileño de Calidad y Productividad del Hábitat – PBQP-H e ISO 9000 nunca preguntan sobre la calidad del espacio arquitectónico construido. En ese sentido, se hacen consideraciones sobre la calidad del proyecto arquitectónico, sus aspectos objetivos y subjetivos.

PALABRAS CLAVE

Arquitectura, calidad, mercado, hábitat, productividad.

ARCHITECTURAL DESIGN AND QUALITY OF BUILDINGS

164

pós-

ABSTRACT

This paper discusses the disdain the home construction industry has for architectural design, which is an essential aspect of a building's quality. Quality programs, such as Brazilian Program of Quality and Productivity of the Habitat – PBQP-H and ISO-9000, have never questioned the quality of the architectural space under construction. To this effect, the current article discusses the quality of architectural design in addition to its objective and subjective aspects.

KEY WORDS

Architecture, quality, market, habitat, productivity.

I. INTRODUÇÃO

A profissão do arquiteto e, conseqüentemente, sua produção, possui um caráter transversal, no sentido de os serviços de arquitetura tocarem aspectos econômicos, culturais, sociais, técnicos e estéticos da sociedade. O resultado de seu trabalho é o meio ambiente construído que representa o patrimônio do amanhã, as edificações nas quais os cidadãos passam mais de 80% de seu tempo. Além disso, representa alto nível de investimento, e sua realização, gestão e manutenção geram grande impacto sobre o meio ambiente.

Apesar disso, é estranho notar que o projeto arquitetônico¹, peça fundamental da qualidade de uma edificação, quase sempre não é considerado quando se aborda os problemas da construção civil. Os programas de qualidade, tais como o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade do Habitat – PBQP-H e ISO-9000 nunca perguntam sobre a qualidade do espaço arquitetônico edificado e, conseqüentemente, a qualidade do projeto, mesmo porque a qualidade da arquitetura não é o objetivo das certificações emitidas por esses programas. Além disso, essa ausência de preocupação com o projeto conduz à hipótese que *“a concepção arquitetônica não é mais que um elemento menor de um processo onde comparecem outras vontades, notadamente das organizações, dos burocratas e do cliente. Eu admiro os arquitetos que chegam a realizar belos edifícios; seu mérito está à altura de seu talento, posto que tiveram que enfrentar e suplantar inúmeros obstáculos”*².

Antes de continuar esta discussão é necessário discutir-se o que se entende por arquitetura com qualidade. Para Zanettini, *“qualidade é adequação à cultura, aos usos e costumes de cada época, ao ambiente no qual a obra se insere, à evolução científica, tecnológica e estética, à satisfação das necessidades econômicas e fisiológicas e direcionada à razão e à emoção do homem”*³. Assim como não se mede a qualidade de um vinho pela aparência de sua garrafa ou pela beleza de seu rótulo, não se pode medir a qualidade de uma edificação a partir das características dos materiais empregados, da aparência externa⁴, ou, ainda, da economia gerada por um projeto e uma construção bem geridos. Ainda citando Zanettini, *“... não há obra de qualidade sem projeto, ou melhor, sem um bom projeto. Não é possível pensar hoje a cadeia produtiva da construção sem incorporar este aspecto”*⁵.

Além disso, é preciso considerar que arquitetura, enquanto abrigo, necessariamente, pertence a um determinado momento histórico e, portanto, relaciona-se com a cultura da sociedade que a produz. Dessa maneira, os espaços necessários que permitam moradias dignas são, hoje, diferentes dos produzidos em outras épocas; por exemplo, a introdução da televisão nas habitações obriga estabelecer condições de espaço mínimas para o uso adequado desse equipamento, assim como os equipamentos de cozinha exigem atualmente novas condições de dimensionamento.

(1) Este texto trata de projetos arquitetônicos elaborados por profissionais habilitados.

(2) HOLL, Steven. In: BRAUSCH, Marianne; EMERY, Marc. *L'architecture en questions*. Paris: Le Moniteur, 1996, p. 55 (tradução do autor).

(3) ZANETTINI, Siegbert – Siegbert Zanettini: *Arquitetura, razão e sensibilidade*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 443.

(4) Essa afirmação não pretende desvalorizar a aparência (aspecto plástico) de uma edificação, mas sim relativizá-la, posto que, embora fundamental, nem sempre o aspecto plástico é o principal aspecto no processo de qualificação do objeto arquitetônico.

(5) Idem, Ibidem.

(6) Nesse texto entende-se uma edificação com qualidade como sendo aquela que tenha propriedades e atributos a permitirem as melhores condições de abrigo do ser humano, em determinado momento histórico.

(7) MAHFUZ, Edison C. Traços de uma arquitetura consistente, Arqtexto. São Paulo. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em: 16, set. 2001.

(8) É importante salientar que se deve entender essa afirmação em sentido amplo e não como uma argumentação da corrente arquitetônica que defende o contextualismo.

(9) Op. cit.

(10) POMPÉIA, Luiz Paulo. Arquitetos x Empreendedores. Revista TEM Construção, São Paulo, ano 12, n. 124, nov./dez. 2005 p. 3.

2. EDIFICAÇÃO E QUALIDADE

A qualidade de uma edificação⁶ é resultado, além dos aspectos acima citados, de muitos outros, tais como:

- O bem-estar do usuário, cumprindo a função principal da arquitetura: o abrigo e a proteção do ser humano.

- O bom projeto de arquitetura, para que assim possa ser considerado, precisa contemplar, em suas propostas, as melhores condições de conforto térmico e acústico.

- Precisa estar atento às condições de salubridade dos espaços (sabe-se, por exemplo, que, na cidade de São Paulo, dormitórios abertos ao quadrante sul não oferecem condições adequadas de insolação).

- Também não podem ser esquecidos os problemas colocados pela acessibilidade e segurança (em algumas cidades do Brasil esses aspectos já são exigências legais).

- A qualidade de uma edificação precisa levar em conta os aspectos relativos à sustentabilidade e ao meio ambiente.

Complementando, o arquiteto inglês Piers Gough⁷ propõe, ainda, outras características para determinação do que vem a ser qualidade em arquitetura. Essas características são:

- *“... objetos que, além da sua qualidade como conjunto espacial e construção formal, se destacam por uma relação apropriada com o contexto circundante.”*⁸

- *“O entendimento da arquitetura como ofício, disciplina com uma tradição técnica e compositiva que deve ser do domínio do arquiteto. Toda arquitetura de qualidade mostra uma relação direta entre forma e construção, apoiada na pertinência das escolhas de materiais, técnicas e formas.”*⁹

3. PRODUÇÃO PARA MERCADO/ARQUITETURA E QUALIDADE

Pergunta-se, então: Por que a qualidade do projeto arquitetônico, fato gerador de qualquer obra edificada, é colocado em segundo plano pelos empreendedores imobiliários?

Pretende-se, aqui, levantar algumas questões que talvez ajudem a explicar a ausência de discussão sobre o projeto arquitetônico.

Um dos problemas que parece ainda existirem na cadeia produtiva da construção civil é que, como informa Luiz Paulo Pompéia, *“... há conflitos entre os empreendedores do mercado imobiliário com os arquitetos, verdadeiros profissionais de criação, qualificação e execução da urbanidade das cidades, o que acarreta freqüentes mudanças do partido arquitetônico dos projetos, nem sempre concluídos tal como foram concebidos inicialmente...”*¹⁰. Esse problema repousa sobre a relação arquiteto/cliente e, com certeza, o projeto e a obra arquitetônica são frutos dessa relação. Como afirma Cuff, na *“criação de qualquer trabalho arquitetônico não existem atores mais importantes que o*

(11) CUFF, Dana. *Architecture: The story of practice*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991, p. 171 (tradução do autor).

(12) Obs.: No Brasil, em função da legislação vigente, muitas vezes o arquiteto é aliado do processo, considerando a existência de recobrimento legal entre as atribuições do arquiteto e do engenheiro.

(13) BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: Por um movimento social europeu*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 81.

(14) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI – O dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

(15) Id., Ibid.

(16) LEVI, Rino. Técnica hospitalar e arquitetura. Conferência pronunciada no MAM SP – 1948. *Depoimentos*. São Paulo: Ed. GFAU, n. 1, 1960.

(17) ARTIGAS, João B.V. *Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista*. Entrevista (texto de Livia Alvares Pedreira), *AU*, ano 1, n. 1, jan. 85, p. 23.

(18) Id., Ibid.

(19) LIMA, Evelyn F. W. Semeando a boa semente. *AU*, ano 3, n. 14, out./nov. 87, p. 30 (tradução do autor).

(20) SEGNINI, Francisco. *A prática profissional do arquiteto em discussão*. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 2002.

*arquiteto e o cliente*¹¹. O arquiteto como profissional depende da encomenda para que possa exercer suas atividades e o cliente depende do arquiteto¹² para realizar seus empreendimentos, sejam eles necessidades de abrigo, seja sonhos ou instrumentos comerciais visando lucros. Essa relação nem sempre foi ou é conflituosa, como afirma Pompéia; entretanto, a introdução da “lógica comercial” tem trazido consigo desencontros de interesses que, talvez, sejam os responsáveis por esses conflitos. Para compreender esses desencontros, pode-se recorrer a Bourdieu quando afirma: “... o que acontece hoje, no conjunto do mundo desenvolvido, nos universos da produção artística, é algo novo e sem precedente: com efeito, a interdependência, conquistada com dificuldade, da produção e da circulação cultural em relação às necessidades da economia se vê ameaçada, em seu próprio princípio, pela intrusão da lógica comercial em todos os estágios da produção e da circulação dos bens culturais.”¹³

Outro aspecto do processo de produção do projeto arquitetônico o qual pode dificultar a discussão sobre a qualidade é que o arquiteto, ao elaborar seu projeto, além de preocupar-se com os aspectos quantitativos da edificação e de suas qualidades materiais, traz consigo uma preocupação incomensurável e subjetiva – sua dimensão estética e artística. Arquitetura é uma expressão artística e, como tal, de difícil quantificação. A arquitetura, tal como definida em dicionário, é a “*arte de criar espaços organizados e animados, por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas*”¹⁴; e, por arte, o mesmo autor compreende a “*atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação*”¹⁵. Informa também Rino Levi: “*Arte é uma só. Ela se manifesta de várias maneiras, quer pela pintura, pela escultura, pela música ou pela literatura, como também pela arquitetura. Tais manifestações constituem fenômenos afins sem diferenças substanciais na parte que realmente caracteriza a arte, como manifestação do espírito.*”¹⁶ “*O arquiteto é antes de tudo um artista*”¹⁷, diz Artigas, ao discutir o papel do arquiteto na produção de uma arquitetura que signifique “*expressão da época em que viveu*”¹⁸, explicitando, assim, que não o entende somente como um profissional da indústria da construção civil. Da mesma forma, Le Corbusier reitera: “*A arquitetura é um objeto de arte, um fenômeno de emoção a despeito das questões de construção. A construção é para sustentar o espaço construído. A arquitetura é para emocionar.*”¹⁹. Dessa forma, a produção do projeto para mercado coloca a contradição gerada quando o projeto é produzido com outros objetivos além de seu papel fundamental de abrigo. Assim, a arquitetura tem sido utilizada com os mais diferentes objetivos, ou seja, a “*... arquitetura, no seu sentido mais amplo – a organização do espaço físico – tem sido utilizada pelo homem com as intenções mais diversas. Speers a serviço do nazismo, produz espaços que enaltecem aquela ideologia, Niemeyer será o ‘porta voz’ das propostas desenvolvimentistas de Juscelino Kubstichek, os arquitetos modernos, entre as duas grandes guerras deste século, pretenderam a criação de um mundo novo, no qual a arquitetura seria concebida como um dos instrumentos transformadores. Atualmente, grande parte da produção do espaço carece de causas sociais no sentido apontado anteriormente por Kopp pois está, predominantemente, a serviço do mercado e do lucro*”²⁰.

Outro aspecto interessante para reflexão é a indefinição existente sobre os conteúdos básicos de um projeto arquitetônico completo, com todas as informações necessárias para a execução adequada dos espaços projetados. As normas técnicas existentes (NBR 13531 e NBR 13532) que tratam desses conteúdos são superficiais e quase sempre ignoradas. As entidades de classe há anos vêm discutindo a necessidade de uma normatização sem, contudo, ter conseguido encaminhar essa discussão de forma ampliada. A Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura – AsBEA elaborou documento explicitando os conteúdos necessários em todas as etapas do projeto arquitetônico, documento esse de grande valia aos arquitetos os quais desenvolvem seus trabalhos com competência, mas que não têm reverberado nas discussões sobre a qualidade dos projetos arquitetônicos. O Estado, por sua vez, enquanto regulador da produção em geral, tem se ausentado dessa discussão, as obras públicas continuam a ser contratadas sobre estimativas de custo elaboradas a partir do chamado Projeto Básico: “*O projeto básico é a solução desenvolvida do ante projeto, já compatibilizadas todas as interferências dos projetos complementares. ... Constitui-se no conjunto de elementos que define a obra ou serviço ou o complexo de obras e serviços que compõem o empreendimento, possibilitando a estimativa²¹ de seu custo e prazo de execução. Integra um projeto completo, do qual não se pode dissociar, devendo ser precedido por estudos iniciais e sucedido pelo projeto executivo.*”²² Esse é um aspecto que fornece pistas importantes para a discussão da qualidade do projeto, posto saber-se que a origem de grande parte do descontrole do custo final das obras públicas é resultado da ausência de detalhamento ou do Projeto Executivo, o qual é elaborado *a posteriori*, obrigando revisões constantes do custo inicial (o que é de grande interesse das empresas do ramo). Discutir a existência da figura do projeto básico seria rever toda a indústria da construção civil ligada às edificações de interesse público e poderia contribuir para a discussão da qualidade do projeto arquitetônico.

(21) Grifo nosso.

(22) ASBEA (Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura). *Manual de contratação dos serviços de arquitetura e urbanismo*. São Paulo: Pini, 1992 (grifo nosso).

(23) Obs.: É importante considerar que qualquer manifestação humana é expressão de sua época, assim como: qualquer edificação existente é um retrato de determinado momento, na medida em que existe, participa do espaço urbano e interfere na vida local. É importante notar, também, que a arquitetura, entendida em seu sentido mais amplo – espaço físico criado pelo homem – tem sido utilizada como objeto de estudo para o conhecimento das diferentes civilizações e culturas que a produziram.

4. QUALIDADE DE PROJETO / ASPECTOS OBJETIVOS

Considerando os aspectos levantados, permanece a questão: Como discutir a qualidade do projeto sem entrar em aspectos subjetivos?

Difícilmente poder-se-ia discutir a qualidade do projeto arquitetônico a partir de conceitos como emoção, manifestação de espírito ou expressão de uma época²³, assim como é difícil entrar no mérito da relação cliente/arquiteto.

Podemos, entretanto, levantar algumas hipóteses de análise que poderão conferir-lhe condições mínimas de qualidade enquanto proposta para produção do espaço habitado. Não se pretende, aqui, elaborar um manual de avaliação do projeto arquitetônico. Pretende-se somente fornecer algumas pistas para o desenvolvimento de uma reflexão sobre o que se entende por “qualidade” do espaço arquitetônico, de maneira a garantir ao usuário condições mínimas e dignas de uso desse espaço.

Em primeiro lugar, as normas existentes precisam ser exigidas e respeitadas e será necessário que se defina claramente os conteúdos das diferentes fases dos projetos arquitetônicos, assim como dos projetos complementares (os trabalhos já desenvolvidos pela AsBEA seria peça fundamental para discussão).

Figura1: Vista dos fundos dos edifícios implantados na rua dos Franceses, Bela Vista, São Paulo
Foto do autor



(24) Esse texto não pretende ser definitivo, mas sim levantar algumas pistas de indagação e contribuir para o desenvolvimento de uma análise objetiva das edificações.

(25) LE CORBUSIER.
Mensagem aos estudantes de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 38 (texto original de 1942).

(26) A palavra adequação é entendida no sentido de ter-se uma arquitetura adaptada ao terreno, sem destruí-lo ou ignorá-lo.

Os órgãos de classe dos profissionais envolvidos com a indústria da construção civil precisam repudiar a contratação de obras públicas sobre projetos arquitetônicos incompletos, como são os chamados “projetos básicos”, fonte de descontrole de verbas públicas.

As legislações edilícias não têm acompanhado o desenvolvimento da produção do espaço e os projetos arquitetônicos deveriam ser analisados pelos órgãos competentes segundo as condições particulares locais, evitando-se disparates, como, por exemplo, os resultantes da implantação de edifícios na rua dos Franceses ou algumas casas em Cidade Jardim (São Paulo), onde os “subsolos” afloram, transformando-se em edifícios de alguns andares.

Mesmo quando a legislação se ausenta, os projetos precisariam ser analisados segundo aspectos que sejam comensuráveis, sem entrar no mérito das soluções estéticas ou formais. Existem aspectos que permitem que se discuta o projeto arquitetônico objetivamente, tais como as condições físicas e geográficas do local onde se pretende implantá-lo.

Isso posto, foram selecionados alguns aspectos²⁴ que influenciam o projeto de uma edificação e são perfeitamente comensuráveis, permitindo que se estabeleça juízo de valor, na medida em que se apóiam em aspectos objetivos.

Topografia

Como afirma Le Corbusier, “... o sítio é o assento da composição arquitetônica”²⁵. Facilmente percebe-se a adequação²⁶ da proposta arquitetônica ao terreno. Normalmente, uma solução inadequada, ou seja, uma solução que ignora as condições físicas do local levará a acréscimos de custos e prazos e, por mais que se tenha uma perfeita gestão da produção dos projetos (arquitetônicos e complementares), o resultado estará prejudicado por um problema de concepção inicial. Além dos aspectos objetivos, tais como movimentação de terra, cortes, aterros, etc., outros aspectos podem e devem estar contemplados na implantação de uma edificação; a paisagem circundante,

seja ela urbana, seja rural, as massas verdes, as perspectivas possíveis (abertas ou fechadas) são elementos passíveis de análise.

Insolação

“O clima de uma região predomina sobre todas as coisas”²⁷ e é, portanto, precondição para a criação de espaços arquitetônicos confortáveis aos seus usuários. Cabe, então, perguntar: os espaços propostos oferecem as melhores condições possíveis de conforto para seus usuários? Esse é um aspecto de fácil mensuração e é comum observar que os próprios empreendedores constatarem esse problema, na medida em que vendem as unidades habitacionais com piores condições de insolação e ventilação por preço mais baixo que as outras em melhores condições. Maus exemplos podem ser facilmente encontrados em São Paulo. Os edifícios de apartamentos com quatro unidades por andar apresentam, muitas vezes, uma das unidades de cada andar com insolação totalmente insatisfatória (são os apartamentos voltados para o quadrante sul). Observa-se, também, uma falta de postura objetiva do projetista diante desse problema; assim, encontram-se edifícios (às vezes de alto luxo) com dormitórios voltados cada um para uma face e, conseqüentemente, cada um com um tipo de insolação, como se o autor do projeto não tomasse uma decisão perante o problema. São defeitos de nascença, sem remédio, e gestão alguma poderá corrigir. Muitos autores de projetos defendem-se desse tipo de crítica apelando para a climatização dos ambientes, principalmente quando se trata de edifício para escritórios, em atitude inconseqüente diante das fontes de energia e seu uso desregrado (em São Paulo, os edifícios *a la* Nova York, os quais são encontrados por toda a cidade, ignoram completamente as conquistas do movimento moderno da arquitetura brasileira) e, em muitos casos, esses edifícios são chamados de “inteligentes”, mesmo com uma de suas faces, de vidro do piso ao teto, voltadas para o sol poente com todos os problemas que tal posicionamento acarreta.

Além dos aspectos físicos locais acima expostos, pode-se lançar mão de alguns outros, os quais, da mesma forma, são comensuráveis e potenciais instrumentos para uma análise qualitativa das edificações, citadas a seguir:

Dimensionamento

Muitas vezes, em observação mais crítica e objetiva, percebe-se a inadequação das dimensões propostas. São salas de televisão nas quais o observador fica extremamente próximo da tela, são dormitórios em que, para se

Figura 2: Desenho com medidas reais
Crédito: Desenho do autor

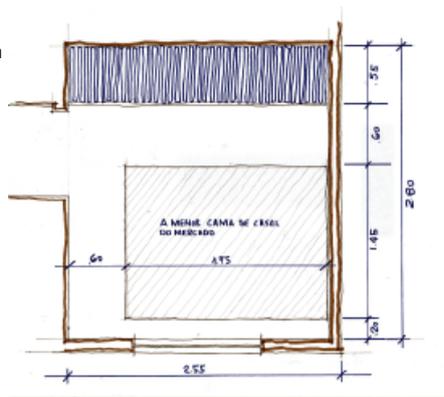


Figura 3: Desenho para venda
Crédito: Autor não-identificado, *folder* distribuído em semáforo

abrir a janela é preciso-se subir na cama; são cozinhas onde não se consegue colocar os equipamentos necessários, para não falar nos dormitórios de empregada (nas habitações para classe média) os quais em função da legislação paulistana, passaram a ser chamados “depósitos”, mas, de fato, serão dormitórios, e assim por diante. Todos esses aspectos são de fácil constatação e peças fundamentais para análise do projeto.

Adequação Tecnológica

Este é outro aspecto que pode ser constatado com grande facilidade e fundamental para que se garanta a qualidade do projeto. Um projeto estrutural mal proposto pode gerar edificações inadequadas às funções previstas ou incapazes de suportar mudanças ou adaptações. “ *A saúde que é preciso garantir num sistema estrutural é da mesma natureza daquela que deve reger o programa e expressá-lo por meio das plantas e dos cortes. É nessas coisas, que não de aparência, mas de essência, que esta sendo decidido o destino da arquitetura.*”²⁸ Existem garagens que não permitem uma adequada circulação dos veículos, assim como pilares mal colocados que impossibilitam a flexibilidade dos espaços propostos. Mais uma vez seria importante lembrar que os conceitos os quais geraram a arquitetura moderna de “boa”²⁹ qualidade, realizada nos últimos 70 anos, levou em conta esses aspectos. Assim como afirma Zanettini, “*arquitetura e estrutura nascem juntas e se desenvolvem juntas, uma complementando a outra – o todo arquitetônico se manifesta por sua importante parte e esta, por sua vez, contém o todo*”³⁰.

(28) Op. cit., p. 50.

(29) Cabe aqui perguntar: o que é boa arquitetura? As palavras “boa” ou “má” arquitetura referem-se a um determinado momento e a um determinado lugar. Está na base da produção arquitetônica uma ideologia, ou seja, uma determinada visão de mundo, a qual, conseqüentemente, gera seus próprios instrumentos analíticos que possibilitam identificar as coisas “boas”.

(30) ZANETTINI, Siegbert. *Siegbert Zanettini: Arquitetura, razão e sensibilidade*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 443.

Pertinência de Matérias, Técnicas e Formas e Economia de Meios

Existem edificações nas quais, claramente, percebe-se total inadequação dos materiais e das formas resultantes. Podem-se verificar inadequações de vários tipos, desde propostas estruturais que não se harmonizam com a forma proposta, até uso de técnicas estranhas ao conhecimento local. Esses são, também, aspectos comensuráveis e de fácil percepção.

Manutenção

Atualmente, os aspectos a envolverem a manutenção de uma edificação são importantes, na medida em que previnem despesas e garantem a integridade da obra. Os conhecimentos necessários para uma análise qualitativa dos projetos que envolvem a produção da construção civil já são disponíveis e contribuem, de forma contundente, com a melhoria das edificações. Boas condições de manutenção são fundamentais para o bom desempenho da obra.

Segurança à Incêndio e Acessibilidade

Também aspectos essenciais no que se refere à qualidade do projeto arquitetônico. Tais aspectos têm sido muito estudados e a legislação e normas vigentes procuram garantir que os projetos não errem nesses aspectos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação acima esboçada tem como objetivo propor a extensão dos estudos de qualidade das edificações, englobando o projeto arquitetônico como elemento chave para o aprimoramento e desenvolvimento da qualidade na construção civil. Objetiva, também, valorizar a arquitetura e o trabalho do arquiteto como consequência. É importante salientar também a necessidade de estender-se essa reflexão para todos os projetos (projetos complementares) intervenientes na produção das edificações, principalmente na produção para mercado, na medida em que a qualidade arquitetônica depende também da qualidade de todos os projetos complementares.

BIBLIOGRAFIA

- ARTIGAS, João B. V. *Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista – Entrevista*. Texto de Livia Alvares Pedreira. São Paulo: Pini ano 1, n. 1, 1985. AU.
- ASBEA (Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura). *Manual de contratação dos serviços de arquitetura e urbanismo*. São Paulo: Pini, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: Por um movimento social europeu*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CUFF, Dana. *Architecture: The story of practice*. Tradução do autor. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI. O dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOLL, Steven. In: BRAUSCH, Marianne; EMERY, Marc. Tradução do autor. *L'architecture en questions*. Paris: Le Moniteur, 1996.
- LE CORBUSIER, *Mensagem aos estudantes de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LEVI, Rino. Técnica hospitalar e arquitetura. Conferência pronunciada no MAM SP – 1948. *Depoimentos*, São Paulo: GFAU, n. 1, 1960.
- LIMA, Evelyn F. W. *Semeando a boa semente*. Tradução do autor. AU, São Paulo: Pini, ano 3, n. 14, 1987.
- MAHFUZ, Edison C.; Traços de uma arquitetura consistente. São Paulo. Arqtextos, Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>. n. 16, 2001.
- POMPÉIA, Luiz Paulo. Arquitetos x Empreendedores. *Revista TEM Construção*: São Paulo, ano 12, n. 124, 2005.
- ZANETTINI, Siegbert. *Siegbert Zanettini: Arquitetura, razão e sensibilidade*. São Paulo: Edusp, 2002.

Nota do Editor

Data de submissão: janeiro 2007

Aprovação: agosto 2008

Francisco Segnini Jr

Graduação, mestrado e doutorado em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo. É professor do Departamento de Tecnologia da Arquitetura da FAUUSP. Experiência na área de arquitetura e urbanismo, com ênfase em projeto de arquitetura e urbanismo. Atua, principalmente, nos seguintes temas: prática profissional, projeto arquitetônico e trabalho.

Rua do Lago, 876. Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo, SP
(11) 3091-4571
chicosegnini@uol.com.br